

**A espiritualidade cristã como caminho
para uma vivência dialogal e prática**
**Christian spirituality as a path to a dialogical
and practical experience**

*Thiago Braga*¹

RESUMO

A espiritualidade cristã envolve uma dimensão de perspectiva experiencial pessoal e comunitária com Cristo. Neste artigo, propomos que ela deve ser vista como caminho para uma vivência dialogal e prática, o que representa entender tal espiritualidade como necessariamente aberta ao diálogo inter-religioso, como reflexo de um Deus que se fez de todos e para todos. Para tal, partimos primeiramente de algumas conceituações, definições e correlações entre a espiritualidade cristã e a religiosidade; abordando também a percepção bíblica imprescindível para descrever esse “cristão”, como traço dessa espiritualidade que não se porta indiferente principalmente aos mais necessitados, sendo a verdadeira religião declarada por Tiago (1,27), essa espiritualidade do cuidado, do acolhimento e da busca pelos mais frágeis e desprezados.

PALAVRAS-CHAVE

Espiritualidade Cristã; Religião; Práxis Religiosa; Diálogo Inter-religioso.

ABSTRACT

Christian spirituality involves a dimension of personal and communitarian experience with Christ. In this article, we propose that this spirituality should be seen as a path to a dialogical and practical experience, which necessarily means understanding it as open to inter-religious dialogue as a reflection of a God who made Himself one of us all for all of us. To achieve this, we first adopt some conceptualizations, definitions and correlations between Christian spirituality and religiosity; also addressing the essential biblical insight to describe this “Christian” as a characteristic of this spirituality that isn’t indifferent, especially towards the most needy, consistent with the true religion declared by James (1,27), this spirituality of care, acceptance and the search for the most fragile and despised.

¹ Thiago Braga é doutorando em Teologia pela PUC-Rio. Também possui mestrado e graduação em Teologia pela mesma instituição. É licenciado em História pela UNIRIO e se especializa em Ciência da Religião pela Faculdade Única de MG. Professor e coordenador do seminário livre Kerigma, da Universidade corporativa da Igreja Batista Atitude na Barra da Tijuca-RJ (UNIATITUDE).

KEYWORDS

Christian Spirituality; Religion; Religious Praxis; Interfaith Dialogue.

Evangelho, entre tantas definições, tem a premissa básica de transmissão, logo comunicação, diálogo; uma vez entendido como a boa notícia de Deus. E todo diálogo para ser bem-sucedido requer empatia, simplicidade na comunicação e que o código da mensagem seja conhecido dos interlocutores. Isto porque Evangelho é riqueza que deve ser compartilhada e não ocultada. Exatamente o que nos impulsionou originalmente, então, nessa pesquisa foi diagnosticar, na prática, certa dificuldade para que esta boa notícia possa ser, não apenas, transmitida, mas vivida e sentida, uma vez que aquilo que devia ser anúncio passou a ser litígio, disputa e discussão. O Evangelho que era de Deus para todos, passou a ser fracionado, só de alguns.

O que realmente nos motivou a pesquisar este tema? A tentativa de encontrar um caminho para o retorno a um movimento que estamos chamando de dialogal e prático sob o título da Espiritualidade Cristã. Esta prática do cuidado e por isso do diálogo, expressa no texto de São Tiago como a verdadeira virtude de se cuidar dos órfãos e das viúvas: “A religião, pura e imaculada diante de Deus e Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e manter-se sem manchas no mundo” (KJV, 1611). Esta necessária ação de olhar mais claramente o outro, admitindo-o como próximo, não forçando a parecer comigo, mas entendendo suas diferenças. Sendo então o Evangelho da unidade, mas nunca da uniformidade.

Fazer-se próximo é levar a novidade de Deus à vida do irmão, é o antídoto contra a tentação das receitas prontas. Interroguemo-nos se somos cristãos capazes de nos tornar próximo, capazes de sair dos nossos círculos para abraçar aqueles que “não são dos nossos” e a quem Deus ansiosamente procura. Sempre existe aquela tentação que aparece tantas vezes na Escritura: lavar as mãos e desinteressar-se. É o que faz a multidão no Evangelho de hoje [...] Reconhecemos que o Senhor sujou as mãos por cada um de nós e, fixando a Cruz, recomeçamos de lá, da lembrança de Deus que Se fez meu próximo no pecado e na morte. Fez-Se meu próximo: tudo começa de lá. E, quando por amor d’Ele também nós nos fazemos próximo, tornamo-nos *portadores de vida nova*: não mestres de todos, não especialistas do sagrado, mas testemunhas do amor que salva.² E todo testemunho é comunicação, seja verbal ou não. É resultado daquele que, no início, compreendeu o que experimentou do mistério de Deus, mas não o limitou ou restringiu, e por isso, dialogou.

O presente artigo busca contribuir como uma reflexão para que entre proximidades e distanciamentos conceituais percebamos como bem observado por Castillo³, cada vez mais a necessidade de uma experiência que responda aos anseios de uma sociedade cotidianamente mais insatisfeita. Tal insatisfação, em parte pelo certo grau de religiosidade que demanda uma liturgia por vezes burocrática em seu rigor e que se torna mais carente dessa espiritualidade, que seja não apenas satisfação ao outro, mas que também se importe em produzir alívio e felicidade, rompendo com paradigmas determinantes sobre quem deveria estar apto ou não a poder usufruir destas experiências.

² FRANCISCO, PP. *Santa missa na conclusão da XV. Assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos*. Homilia do Papa Francisco. Vaticano. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181028_omelia-chiusura-sinodo.html Acesso em 02 jun. 2021.

³ CASTILLO, J. M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2018.

Questionando sobre qual viria a ser a marca da espiritualidade cristã, vê-se que a resposta não pode ser outra senão aquela descrita nas Sagradas Escrituras. Nessa religião de virtude, uma reflexão importante ofertará São Tiago em sua carta (Tg 1,27), pois visitar órfãos e viúvas em suas tribulações e se manter sem manchas no mundo certamente são atitudes que requerem ações além da contemplação ou da meditação, traduzindo um cuidado resolutivo, olhando para o ser humano enquanto ser integral com necessidades integrais, quer sejam morais, sociais e teológicas; num olhar além do terreno, mas marcadamente com compromisso social.

1. A relação entre religião e espiritualidade

Hoje pode-se falar muito mais de espiritualidade, de mística, do que de religião, de pertença a uma instituição. Há uma sede na contemporaneidade por essas experiências. Contudo, não necessariamente uma sede por pertença a uma religião. Mas uma sede por experimentar a conexão com o Mistério sempre maior que ilumina, desafia, plenifica, dilata os espaços interiores e não pode ser produzido senão recebido em gratuidade e excesso de presença.⁴ E automaticamente toda essa relação experiencial não pode ser associada à limitação de estruturas pré-fixadas como num ambiente onde esse Mistério tivesse endereço, horário e formas previamente definidas.

Deve-se entender primariamente algumas percepções de proximidades e distanciamentos conceituais entre espiritualidade e religião, mais precisamente ainda da chamada espiritualidade cristã e o que certas expressões continuam a projetar intencionalmente ou não naqueles que a vivenciam. Na prática é fazer com que se perceba justamente se é possível existir diálogo entre espiritualidade e religião sem que seja acolhida necessariamente a opção pela exclusão de uma delas como sendo ilícita, muito embora sejam pela observância de nosso recorte de pesquisa enxergadas como diametralmente opostas, principalmente quando não mais se vê a igreja como representante dessa espiritualidade.

Uma vez que podem se confundir conceitos, nosso item seguinte será destinado a apresentar uma possibilidade de um caminho entre essa relação conceitual com nuances de semelhanças, mas também de diferenças entre a temática da religião e da espiritualidade.

1.1. *Uma abordagem filosófica da espiritualidade*

É impressionante o poder que certas expressões carregam em si. Por exemplo, quando ouvimos que alguém é muito religioso, na maioria das vezes a conotação está em compreender tal pessoa como sendo extremamente ritualística, onde o conceito de ser religioso se associa com a percepção de ser alguém que tem nas práticas periféricas e até mesmo litúrgicas certa marcante característica. Automaticamente contrapomos nosso pensamento quando ouvimos que alguém é extremamente “espiritual”. Se tal adjetivação for produzida por outrem sobre alguém seguirá elogiosa, querendo quase sempre afirmar que este é “sério”, “não carnal”, voltado para “as coisas

⁴ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. Mais espiritualidade e menos religião: característica da nossa época? *Revista brasileira de filosofia da religião* (BRASÍLIA), v. 3, n. 1, p. 75-91, agosto de 2016. p. 89.

de Deus”. Já se o elogio for uma autopromoção, será observado como arrogância e soberba, afinal de contas por se tratar de certa virtude experiencial com a divindade, pode transparecer total falta de humildade e sentimento “nobre”.

Note que na maioria das vezes a associação que fazemos sobre ser espiritual ou ainda sobre a espiritualidade tem relação de oposição com aquilo que tende a ser chamado de carnal. Isso ocorre porque na maioria das vezes somos conduzidos a projetar em nós a dicotomia que tende a afirmar que se algo é “espiritual” não pode ser algo “carnal” e muitas das vezes associado aqui como algo “corporal” – isso leva a conclusões profundas de que a espiritualidade seria algo “fora” do corpo, fora do físico, ou ainda, além do corpo. É de se entender que tal associação provavelmente ocorra pela consideração de que “espiritualidade” venha de “espírito” e como afirmamos, para muitos, espírito é aquilo que se opõe à matéria, ao corpo, àquilo que imediatamente é captado pelos olhos e que nós podemos tocar, isto é, o mais sensível possível, mais próximo e, porque não, mais nosso.⁵

O que é necessário fazermos aqui é apresentarmos certa conceituação de espiritualidade para que então possamos inclusive sufixá-la como “cristã” e, após isso, destacarmos a distinção que precisa ser feita entre uma vivência religiosa e a chamada espiritualidade; denotando que muitos podem ser partícipes dessa experiência sem, contudo, serem vistos como religiosos. Fato é que vivemos num mundo cada vez mais desejoso de experiências, desesperado pelo sobrenatural e carente de respostas cada vez mais profundas e racionais. Num mundo onde as pessoas tendem a se afastar do religioso, a decretar a morte de certos sistemas litúrgicos, todavia concomitante a isso um mundo também cada vez mais em busca da “sua” espiritualidade. São pessoas que formam uma geração que gosta cada vez menos das chamadas “igrejas tradicionais”, mas que está cada vez mais apaixonada pela espiritualidade. Estão verdadeiramente insatisfeitos!

Num pequeno, mas necessário percurso sobre a conceituação da “espiritualidade”, descobre-se que o termo já aparece numa carta do Pseudo Jerônimo, cujo autor parece ter sido Pelágio ou um de seus discípulos.⁶ Por volta de 1060, Berengário de Tours⁷ se serve desse termo em sua interpretação da presença eucarística; e é significativo que para esse autor, “espiritualidade” se oponha a “sensualidade”⁸, numa clara ratificação do confronto entre espírito e corpo, uma vez que deste precederia tudo aquilo que pode vir a ser visto como sensual.

Já no século XII, Gilberto de Nogent, monge de Beauvis, fala de espiritualidade como o oposto das imaginações que a poesia comporta.⁹ E, nesse mesmo tempo, por volta de 1120,

⁵ CASTILLO, 2018, p. 11.

⁶ Epist. VII, 9 PL 30, 118 C, cf. SOLIGNAC, A. *Spiritualité*. Epist. VII, 9 PL 30, 118 C. In: *Dictionnaire de spiritualité*. Paris (XIV): Beauchesne, p. 1143. (Castillo, 2002).

⁷ Berengário de Tours (c. 1000 – 1088) foi um teólogo cristão do Século XI, nascido na França. Ocupou entre outros o cargo de mestre-escola na escola catedral de Chartres e se notabilizou por pregar o uso da razão e da lógica nos domínios da fé, pois essas seriam um presente de Deus.

⁸ BEENKENKAMP, W. *De sacra coena adversus Lanfrancum*, 37, ed. Den Haag, 1941. p. 106.

⁹ *De vita sua*, I, 17. PL 156, 874 AB, ed. de E. R. Labande, Paris, 1981, p. 138. Gilberto de Nogent foi, segundo a Enciclopédia online TRECCANI, escritor e cronista eclesiástico (n. 1053 – d. *Nogent-sous-Coucy* 1121). Autodidata ou simples discípulo de gramáticos, aos treze anos tornou-se monge em *Flay* e foi muito influenciado por Santo Anselmo, que o apresentou a São Gregório Magno. Abade de *Nogent-sous-Coucy* (1104) deixou um grande número de obras de considerável valor: *De vita sua*, *De pignoribus sanctorum*, *Gesta Dei per Francos*, nas quais narra os acontecimentos das Cruzadas até 1101, com um acréscimo até 1104 e que se baseia essencialmente na história de um anônimo que seguiu *Boemondo*. Ele também era notável como pregador. Disponível em <https://www.treccani.it/enciclopedia/gilberto-di-nogent/> Acesso em 02/04/2021.

Rimbaldo de Liège afirma de modo conclusivo: “Se quisermos ver as coisas próprias de Deus, é necessário que deponhamos a animalidade e assumamos a espiritualidade”¹⁰.

No século XIII, Guilherme de Auvérnia é ainda mais contundente, pois opõe a espiritualidade à brutalidade ou animalidade.¹¹ Por sua vez, Tomás de Aquino emprega *spiritualitas* num sentido ascético e nela distingue três graus, segundo se triunfe mais ou menos sobre a *carnalitas*. Esses graus correspondem, em primeiro lugar, às virgens, em segundo lugar, às viúvas e, finalmente, às pessoas casadas.¹²

O que se percebe de comum em todos os casos apresentados é enxergar e apresentar a espiritualidade como o oposto de tudo aquilo que possa ser visto como corpóreo, inclusive porque se atribui ao corpo no sentido do físico e material, toda e qualquer forma de não espiritualidade, entrando também nessa listagem a vertente sexual, onde por esse viés de raciocínio a espiritualidade seria também a negação de toda e qualquer forma de sexualidade. Essa é a típica percepção muito menos rara do que se pode imaginar de que a espiritualidade é própria da esfera do divino, ficando então o humano relegado àquilo que o cristão deve desprezar ou, pelo menos, dominar e subjugar.¹³

No sentido de tal desprendimento com o corpóreo e o material, há pouco mais de um século o *Manuel de Spiritualité* (1917) de Auguste Soudreau¹⁴ definiu a espiritualidade como “a ciência que ensina a progredir na virtude e especialmente no amor divino”. Ou seja, tudo que for de caráter aparentemente humano, sejam as lutas do dia a dia, o compromisso pela vida, o próprio amor humano, as questões de políticas e de progresso, as lutas por igualdade social e porque não as alegrias e prazeres nesta vida debaixo do sol acabaram tradicionalmente à margem da espiritualidade.¹⁵

1.2. Uma abordagem mais prática da espiritualidade

Mas será que uma percepção assim acerca da espiritualidade é realmente factível? Será que ela “existe” para ser possível? Ou mesmo refletir sobre ela num grau de certa dificuldade é o que a faz ser a mais robusta das “espiritualidades”? Alguns poderiam até mesmo argumentar que o afrouxar de determinadas normas de ascetismo pode acarretar em conceitos de libertinagem e não de espiritualidade. Será mesmo que é desse tipo de negação de si mesmo que, por exemplo, o Evangelho, fonte e origem de qualquer espiritualidade que pretenda ser cristã, defende? Se nossa espiritualidade deve ter sentido de resposta para nossa existência ainda nessa perspectiva temporal e não apenas para eventual eternidade, não deveríamos ser mais coerentes, sinceros e autênticos na oferta de uma espiritualidade dialogal possível? A não ser que a ideia seja justamente o contrário: tornar impossível qualquer tipo de diálogo e

¹⁰ *De vita canônica*, 11, ed. de C. de Clercq, CCM, 4, 1966, p. 28.

¹¹ *De anima*, c. 5, XII, em *Opera*, 2/2, 130 a-b, cf. A. SOLIGNAC, 2002, p. 1145.

¹² CASTILLO, 2018, p. 12-13.

¹³ CASTILLO, 2018, p. 13.

¹⁴ Auguste Soudreau (17/01/1859-20/11/1946) foi um padre diocesano que escreveu sobre a vida ascética e mística. Foi pároco e depois ordenado capelão da Casa mãe das irmãs do Bom Pastor. Seguiu as doutrinas de São Tomás de Aquino e de São João da Cruz sobre a estrutura da vida espiritual e do crescimento da alma na graça. Via então a vida mística assim descrita não como um fenômeno extraordinário, mas o desenvolvimento normal das virtudes e dons. Tradução nossa do material disponível em <https://www.encyclopedia.com/religion/encyclopedias-almanacs-transcripts-and-maps/soudreau-auguste>. Acesso em 10 mai. 2021.

¹⁵ CASTILLO, 2018, p. 14.

aproximação com o outro. Pois aí talvez esteja a única forma desculpável de se entender a espiritualidade isolacionista e praticamente asceticamente inatingível como algo originalmente idealizado por seus adeptos.

De maneira mais objetiva possível, tudo isso pode nos indicar que uma pessoa que busca agir retamente, muito embora sua atuação em nada tenha relação com a religião, se relaciona com Deus e se une a Deus, em tudo tem a ver com espiritualidade. É por isso que o trabalho prazeroso, o descanso, o deleite e todas as ações mais simples e as mais “intranscendentes” da vida na realidade são coisas que nos conduzem a Deus, nos aproximam dele e possuem profundo e radical sentido religioso, embora nem sequer pensemos nisso e nos demos conta disso. São atos que não carregam consigo o peso da religiosidade, talvez por não estarem travestidos da tradicional vestimenta da religião, mas que no fundo são exemplos de uma genuína espiritualidade. Dessa que entende na vida que glorifica o Cristo como resultado de uma espiritualidade que pode ser adjetivada como cristã e não naquela que insiste em querer separar e distanciar “espírito” de “matéria”, como se um fosse bom e o outro mau.

E por mais que espiritualidade e religião possam se complementar, não devem se confundir. A espiritualidade existe desde que o ser humano irrompeu na natureza, há mais de 200 mil anos. As religiões são recentes, não ultrapassam oito mil anos de existência. Religião é a institucionalização da espiritualidade, assim como a família é do amor. Há relações amorosas sem constituir família. Do mesmo modo, há quem cultive sua espiritualidade sem se identificar com uma religião. Há inclusive espiritualidade institucionalizada sem ser religião, como é o caso do budismo, uma filosofia de vida.¹⁶

O que se percebe é uma clara insatisfação com tudo o que aparenta possuir uma tentativa de resposta rápida e pronta para o sofrimento alheio. E o ambiente milenar oriundo das religiões, inclusive com toda sua pretensão de religar o homem a uma divindade pode ter corroborado e muito para essa dicotomia entre espiritualidade e religião; tendo ficado nítido a que conceito de religião nos referimos para a afirmação de que tal perspectiva delimitadora não pode ofertar respostas que as gerações insatisfeitas por liturgias, mas carentes por respostas aos seus anseios continuam a buscar ainda que sem saber onde. Que não se caia obviamente no perigo de transviar a espiritualidade num hedonismo religioso personalista – como que se fosse exclusiva função da espiritualidade tornar prazerosa a vida do ser que a “experimenta”, mas que também não seja a espiritualidade refém de novos dogmas estritamente fixos e delimitadores que, então quando menos se vislumbrar, já se tornarão novas religiões e não possibilidades de experiências reais, práticas e, assim, funcionais com Deus.

O item seguinte propositalmente leva o título de uma célebre obra de José Maria Castillo. Uma ‘espiritualidade para insatisfeitos’, mas não completamente. É uma insatisfação por assim dizer, “seletiva”. Não é ser “do contra”. Mas uma insatisfação com uma burocracia religiosa muitas das vezes dotada de excessiva ascese e pouco diálogo.

¹⁶ FREI BETO, citado em BINGEMER, 2016, p. 76.

2. ‘Uma espiritualidade para insatisfeitos’

Nessa espiritualidade para insatisfeitos, duas observações pertinentes são necessárias logo de imediato após essa confirmação de insatisfação: a primeira delas é a utilização de “uma”. Isso porque ela traduz de *per se* a compreensão da aceitação de uma variável (alguma) interminável de espiritualidades, um pouco mais delimitadas é verdade quando sufixamos o termo “cristã”, mas ainda assim de forma alguma poderíamos simplesmente determinar uma dicotomia entre a espiritualidade correta e a incorreta ou entre a cristã e a não cristã pura e simplesmente; pois o “uma” aqui compreende, como já citamos, a proposta aberta e não delimitação cardinal de que não possa existir outra. Não estamos, com isso, afirmando ser impossível uma definição do termo, mas apenas seguindo a apresentação da definição que aqui nos serve de base, enfatizando que a conceituação passa inevitavelmente pela experiência.

A segunda observação pertinente é o uso do adjetivo “insatisfeito”. Isso porque toda e qualquer experiência precisa ser boa para mim, para o “eu” que a vivencia e, em larga escala, a religião tende a ser entediante, incômoda, proibitiva e desagradável; focada tão somente numa divindade que exige demais para ser adorada e seguida, onde ela é o centro do culto e precisa se sentir bem e não o adorador. É a verdade de muita gente que anda farta de religião, de Igreja, de padres e bispos, de sermões, mandamentos e proibições, com suas correspondentes ameaças de castigos neste mundo ou no outro. Contudo, são as mesmas pessoas que fazem a si mesmas perguntas para as quais não têm respostas. Perguntas feitas não por mera curiosidade, mas porque não veem sentido nesta vida ou em muitas coisas que vemos e fazemos nesta vida.¹⁷

A bem da verdade, nossos conceitos sobre o Deus transcendente não escapam das projeções e construções ideológicas que ofuscam a sua verdadeira face. Deus é facilmente considerado um ser a mais, um ser que se pode descrever e até manipular. No entanto, Ele é o totalmente outro que, em sua transcendência, é inacessível.¹⁸ Nessa falta de acesso reside, por vezes, o obscurantismo que gera insatisfação em meio a falsas preferências do lugar comum onde Deus poderia habitar, falar e ser sentido.

Assim como Castillo, compreendemos que um dos grandes problemas desse confronto entre espiritualidade e religiosidade é entender que aquela enquanto percebida cristã não tem seu centro na renúncia a tudo aquilo que é visto como bom e prazeroso que o próprio Deus colocou neste mundo, mas sim na vida, na plenitude da vida, na dignidade dessa vida e, também, porque não no deleite e na fruição da vida.¹⁹ Não devemos aqui, porém, caminhar para o outro extremo e entendermos a espiritualidade cristã como a busca por toda e qualquer experiência que me faça simplesmente sentir-se bem e realizado, custe o que custar a qualquer preço e por qualquer meio. Até porque mesmo ela comporta certamente algumas chamadas “exigências éticas” do Reino de Deus que brotam do *kerigma* do próprio Jesus, muito embora não devamos reduzir o Evangelho de Cristo a um projeto ético, pura e simplesmente porque a ética de Jesus não pode ser praticada se não vivida a partir de uma profunda experiência de espiritualidade.

Espiritualidade cristã, portanto, é a vida segundo o espírito, isto é, a forma de vida que se deixa guiar pelo Espírito de Cristo.²⁰ No mesmo sentido, Saturnino Gamarra indica que é

¹⁷ CASTILLO, 2018, p. 9.

¹⁸ CASTILLO, J. M. *La fe en tiempos de crisis*. Barcelona: Claret, 2014. p. 47.

¹⁹ CASTILLO, 2018, p. 10.

²⁰ ESTRADA, J. A. *La espiritualidad de los laicos*, Madrid: Cristiandad: 1992. p. 14.

costume apresentar a espiritualidade como sendo sinônimo de viver sob a ação do espírito.²¹ A espiritualidade por si só é uma vivência que abarcará toda a vida da pessoa e não somente seu “espírito”; não somente sua individualidade e personalidade, mas também suas relações sociais, o que pode, sim, envolver sua vivência religiosa ou até mesmo o ato de ser membro de uma comunidade de fé, mas, além disso, sua atuação enquanto cidadão do mundo.

Mas o que pode ser entendido com uma vida guiada pelo espírito? Gustavo Gutierrez afirma que “uma espiritualidade é uma forma concreta, movida pelo Espírito, de viver o Evangelho”²². Onde poderia estar, então, o centro da espiritualidade? Se entendermos, por exemplo, a religião como a relação com o transcendente, até poderíamos cair no erro de diagnosticar o centro da espiritualidade como estabelecido nela.

De tudo que podemos compreender, conclui-se a real necessidade da integração ofertada pela espiritualidade que pormenorizamos através de alguns aspectos conceituais. Um dos mecanismos possíveis direcionados será o de se utilizar e abraçar uma espiritualidade não apenas capaz de diálogo, mas intencionalmente buscadora desse caminho. Na verdade, o que se percebe é um corolário que tem apontado para uma junção cada vez mais necessária entre a práxis e a espiritualidade. Ou seja, o problema nunca foi o saber ou o chamado pensar teológico que supostamente podem estar na base organizacional da instituição religiosa em si, mas sim certa indignação que nos causa quando o academicismo dos púlpitos e altares parece tropeçar na mesa de sua própria soberba e perdemos tanto tempo elaborando um emaranhado de tratados, que na prática não tratam de nada que é essencial, ou pelo menos não têm o alcance prático real na vida daquele objeto de alcance central de uma espiritualidade que se diz cristã: o outro, o próximo, o “desembocar” para a vida “real” do ser.

A espiritualidade ganha termo porque, como experiência, obviamente pode se utilizar da célebre formulação de H. U. Von Balthasar, como “a atitude básica, prática ou existencial, própria do homem, e que é consequência e expressão de sua visão religiosa – ou de um modo mais geral, ética – de existência”²³. Ou seja, sai do campo tão somente do pensar para realizar, sem, contudo, cair simplesmente num ativismo sem rumo, mas como o expressar experimental de um mover real transformador conduzido por Deus.

Em última análise, a fé não é modo de falar ou de pensar, mas sim modo de viver, e só em uma práxis viva é que podemos ser adequadamente articulados. Reconhecer Jesus como nosso Senhor e Salvador só tem sentido se procurarmos viver como ele viveu, e organizar nossa vida de acordo com os seus valores. Não precisamos teorizar a respeito de Jesus, mas “reproduzi-lo” em nossa época e em nossas circunstâncias. De modo que nossa busca, como a sua, é em primeiro lugar a busca de uma *ortopraxis*, mais do que uma ortodoxia.²⁴

A correlação entre práxis e espiritualidade nos conduzirá em nossa próxima reflexão, onde acreditamos ser um caminho não apenas sem volta como imprescindível para qualquer pretensão de uma espiritualidade que se autodenomine cristã: o diálogo. Até porque toda preocupação do sujeito concentrada em si mesmo e em seu próprio protagonismo, em seu próprio chamado crescimento espiritual, na concentração de virtudes e méritos, a fim de conseguir o mais alto

²¹ GAMARRA, S. *Teología espiritual*. Madrid: BAC, 1994. p. 36.

²² GUTIÉRREZ, G. *Teología de la liberación*. Sígueme: Salamanca, 1990. p. 244.

²³ BALTHASAR, H. U. Von. El Evangelio como critério y norma de toda espiritualidade en la Iglesia. *Concilium* 9, p. 7-25, 1965. p. 7.

²⁴ NOLAN, A. *Jesus antes do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 201.

grau de santidade e enxergar isso como o alvo principal dessa vida, incorre no perigo tradicional daquilo que por centenas de anos vem se afirmando sobre espiritualidade.

Por isso, não é raro encontrarmos pessoas que cultivam assiduamente a espiritualidade, mas de tal maneira que, ao mesmo tempo, são pessoas agarradas as suas próprias ideias e aos seus próprios interesses – são impositivas e dominadoras, incapazes de reconhecerem tais atitudes, muito embora dissimulem sob formas e práticas que podem parecer o mais sublime espiritual deste mundo e do outro.²⁵

O que traduz intimidade é relacionamento e não conhecimento. Uma coleta de dados sobre quem foi ou é Jesus não pode nem deve ser confundida como uma experiência da espiritualidade cristã. Evangelho como boa notícia de Deus é aquilo que chega ao encontro das carências que se completam formando a unidade do corpo. Não têm necessária relação, portanto, com o conhecimento do Jesus histórico, no sentido de saber quem Ele foi.

Castillo, por exemplo, insiste que mais importante do que conhecer Jesus é seguir Jesus. Os Evangelhos foram escritos como textos de fé, a partir da fé dos evangelistas. Não se preocuparam, os autores, em nos transmitir uma história, no sentido moderno, mas uma mensagem de vida. A urgência de encontrar o humano, a vida prática e o concreto do Evangelho, se coloca como uma necessidade de significância, uma urgência para a Evangelização.²⁶

Decorre que o saber cristológico não se transmite pelos conceitos, mas pelos discursos narrativo-práticos. O mais importante é o acontecer de Jesus, e não o ser das definições doutrinárias: o conhecimento sobre Jesus, assim, não se traduz pelas categorias ontológicas, mas é formulado em categorias históricas.²⁷ Baseamo-nos nesse “acontecer” de Jesus, na perspectiva de apresentação de um caminho que apresente a espiritualidade cristã como prática mais do que necessária, em contraponto a todo um sistema que se apresente como sendo exclusivamente organizacional, burocrata e cheio de prescrições.

3. Mais espiritualidade e menos religião

Em 2012, o teólogo estadunidense Roger Haight, em entrevista à revista do IHU, declarou que a Igreja perdeu relevância pública, o que estimulou o surgimento da espiritualidade em contraposição à religião porque a Igreja não é mais vista como uma fonte de espiritualidade humanística.²⁸ Temos nessa frase uma clara percepção de distanciamento entre religião e espiritualidade. O conceito aqui, bastante comum, as coloca como antônimas ou até mesmo excludentes: espiritualidade que surge porque a igreja institucional, vista como uma religião, parou de oferecer respostas aos anseios humanísticos.

Inclusive, acredita Bingemer²⁹ que as religiões, em princípio, deveriam ser fontes e expressões de espiritualidades. Embora nem sempre isso ocorra, pois em geral a religião se apresenta

²⁵ CASTILLO, 2018, p. 24.

²⁶ NENTWIG, R. *CARNALIDADE, ALTERIDADE E LIBERDADE*: a humanização de Deus e as implicações antropológico-pastorais das cristologias de José María Castillo e Joseph Moingt. Tese de Doutorado Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, 2017. p. 14.

²⁷ NENTWIG, 2017, p. 14.

²⁸ HAIGHT, R., citado por BINGEMER, 2016, p. 76.

²⁹ BINGEMER, 2016, p. 76.

como um catálogo de regras, crenças e proibições, enquanto a espiritualidade é livre e criativa. Na religião, predomina a voz exterior, da autoridade religiosa, na espiritualidade, a voz interior, o “toque” divino. E naturalmente isso faz com que se associe a figura do “religioso” à *membresia*³⁰ de uma comunidade de fé, tendo seu *hall* taxativo de leis e regras muito bem definidas, muitas vezes sem qualquer tipo de abertura para os imprevistos da espiritualidade de um Deus que é criativo por essência.

A religião é vista como uma instituição, a espiritualidade como uma vivência. Na religião há disputa de poder, hierarquia, excomunhões e acusações de heresia. Na espiritualidade predominam a disposição de serviço, a tolerância para com a crença (ou a descrença) alheia, a sabedoria de não transformar o diferente em divergente.³¹ E é justamente nesse último aspecto aqui elencado que a religião mais encontra dificuldade, pois ao se preocupar em uniformidade em detrimento de unidade, rotineiramente rotula o outro como adversário, e não apenas como alguém que pensa e existe de maneira diferente.

A religião é a mais onipresente e a mais universal das características constitutivas da humanidade. Tudo aquilo que é humano, desde o mais sublime até o mais corriqueiro dos atos, já passou pela identificação com o fenômeno religioso.³² E mesmo hoje, em plena secularização, a religião continua sendo objeto de observação e estudo, acabando por ser, muitas vezes, o que redefine as preocupações atuais pelo menos em última instância.³³

Mesmo sendo negada a importância da religião, ela faz mais que nunca parte do cotidiano moderno. E isso porque a morte, apesar de haver sido confinada à preocupação de profissionais (médicos, intensivistas, funerárias) continua assaltando o imaginário das pessoas que a cada dia seguem sentindo-se ameaçadas miudamente, fragmentariamente em seu desejo de viver. A morte humana como tal se tornou uma ocorrência diária – pelos meios de comunicação, pelo inchamento das grandes metrópoles e pela violência e injustiça que campeiam em nossas sociedades – comum demais para espantar e despertar medo. É um espetáculo a mais, entre tantos outros.³⁴

O fato é que o processo de secularização apresenta uma face positiva e não apenas negativa. Ele vai lembrar-nos que a emancipação do humano não significa, necessariamente, o crepúsculo de Deus. E que, se a secularização pode ser vista – em muitas de suas faces – como inimiga de certa concepção de religião, muito particularmente da religião institucionalizada, – não necessariamente quer isto dizer que a mesma secularização, em outras de suas faces, não possa conviver – ou seja, fazer interface, – e com um aceitável nível de cordialidade, com a experiência humana da fé.³⁵ O que está sendo dito é que a mesma secularização que aparentemente virou às costas para toda e qualquer tipo de institucionalização religiosa mostra-se também como campo fértil para a experiência da fé.

É também nas chamadas sociedades tradicionais que a religião possui o monopólio da cosmovisão. A consequência é que aí a religião é mais do que religião, pois desempenha um

³⁰ *Membresia* é termo mais comumente utilizado em igrejas cristãs evangélicas e diz-se daqueles que já batizados passam a fazer parte do *hall* de membros dessa chamada igreja local.

³¹ FREI BETO citado em BINGEMER, 2016, p. 76.

³² BAUMAN, Z. *Postmodernity and its discontents*. New York: New York University Press, 1997. p. 166.

³³ BAUMAN, 1997, p. 170.

³⁴ BAUMAN, 1997, p. 175.

³⁵ BINGEMER, 2016, p. 78.

papel social e cultural tão importante que praticamente todas as realidades sociais (políticas, econômicas, jurídicas, artísticas), assim como as comportamentais (familiares, psicológicas, simbólicas) dependem da religião vigente para serem legitimadas. É a religião que estrutura o ritmo do tempo por intermédio do toque dos sinos para a missa matutina, o ângelus, as vésperas, o toque de finados ou de festa religiosa, e assinala os diferentes momentos do dia e da semana ou do ano.³⁶

Quando, portanto, afirmamos a compreensão de mais “um” do que o “outro”, no caso “Jesus” e a “religião”, nos utilizamos obviamente da idealização de que Jesus sempre valorizou mais os relacionamentos do que as regras – sem assimilar tal assertiva como uma autorização para a anarquia. Todavia, por onde quer que Ele passasse, duas coisas inevitavelmente aconteciam: a vida das pessoas era modificada e a ordem religiosa estabelecida era perturbada.³⁷

Propormos uma espiritualidade que seja viva, sóbria e liberalmente capaz de se alegrar um pouco, num mundo que tem se provado cada dia dotado de males mais complexos e de extravagâncias sombrias. Seria então uma espiritualidade cristã como um regresso à simplicidade que nos permite parar a saborear as pequenas coisas, agradecer as possibilidades que a vida oferece sem nos apegarmos ao que temos nem entristecermos por aquilo que não possuímos. Isto exige evitar a dinâmica do domínio e da mera acumulação de prazeres.³⁸

E se não existe espiritualidade que seja cristã sem o Cristo, dessa experiência e desse mistério, ter mais (essa) espiritualidade do que a religião do desamor é ter mais a Cristo do que a opressão. Onde Deus é considerado uma grandeza secundária, onde pode ser deixado de lado por algum tempo ou por todo o tempo por causa de coisas mais importantes, aí precisamente fracassam essas coisas pretensamente mais importantes³⁹; pois para Jesus, é mais importante a “humanidade” que a “religiosidade”. E isso é o que não entra na teologia e na cabeça de alguns teólogos.⁴⁰

Conclusão

A relação entre Religião e Espiritualidade se apresentou desafiadora inicialmente pelas divergências conceituais que poderiam suscitar dúvidas. Evidenciado porém o caminho que seria trilhado e como os dois conceitos estariam sendo respeitados entre proximidades e distanciamentos, chegou-se ao resultado da percepção da espiritualidade como característica marcadamente experiencial com Cristo, tanto pessoal quanto coletiva, se distanciando das perspectivas religiosas caracterizadas no que foi exposto pela chamada burocracia litúrgica, pelo emaranhado de regulamentos que prescrevem quem poderia estar apto ou não a vivenciar as “experiências do Espírito”.

³⁶ COMTE-SPONVILLE, A. *O espírito do ateísmo: Introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 18-20.

³⁷ ARTERBURN, S; FELTON, J. *Mais Jesus menos religião*. São Paulo: Mundo cristão, 2002. p. 12.

³⁸ FRANCISCO, PP. *Laudato si*. 4. 222, Papa Francisco. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html. Acesso em mar. 2021.

³⁹ RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta, 2007. p. 45.

⁴⁰ CASTILLO, J. M. Jesus suporta o erro. O que Ele não suporta é o sofrimento. Fevereiro de 2021. Artigo disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/606865-jesus-suporta-o-erro-o-que-ele-nao-suporta-e-o-sofrimento-artigo-de-jose-m-castillo> Acesso em 14 mar. 2021.

Com Castillo e sua ênfase na humanização de Deus se chega então a percepção de quão insatisfeito pode ser o ser humano no que tange à temática da espiritualidade, quando esta não se apresentar como adequada e resolutive para os problemas cada vez mais hodiernos da humanidade. Embora isso possa refletir certo reducionismo conceitual da espiritualidade cristã, vista tão somente como mera realizadora dos desejos humanos, observa-se que alcançar o ser humano nessa sua Casa Comum com a alegria em meio a tantas e complexas dificuldades faz-se cumprir também os requisitos da Espiritualidade Cristã.

Percebe-se uma geração cada vez mais insatisfeita com tudo, seja pelo consumismo desenfreado, seja pela rapidez e rotatividade das informações, verdadeiras ou falsas; seja pela falta de respostas para questões que continuam afligindo o ser humano. E assim perde-se espaço certa religiosidade restrita cada vez mais tão somente a espaços geográficos pré-determinados e que se coloque como detentora única da verdade absoluta e como arauto exclusivo de Deus.

Contudo, no caminho da insatisfação há também uma espiritualidade que precisa ofertar resposta para estes. São os que cansaram da resignação e do conformismo com os rumos que este mundo parece ter tomado. Mundo esse que apresenta às vezes questões religiosas bem complexas que denotam um fundamentalismo religioso exacerbado que, perdido em seu rumo, parece não perceber que o “Espírito” não está mais presente neles.

Nessa abordagem humanizada, aponta-se para a necessidade de mais espiritualidade genuinamente cristã. Aquela que se preocupa efetivamente em refletir, como observado em Castillo, sobre o Deus da alegria, diferentemente de teologias e liturgias que parecem se preocupar tão somente com a alegria da outra vida, como se a daqui não interessasse mais.

Diante da evidente necessidade de “mais Jesus” e menos religião, no sentido de mais presença dessa encarnação, dessa espiritualidade cristã, dessa humanização de Deus fortemente pregada por Castillo, do que da alvenaria de prédios frios; sem generalização, não cabe mais espaço para os que defendem com verdadeira paixão e até com mentiras temas sem nenhuma importância particular, ao mesmo tempo em que no mundo morrem de fome todos os dias milhares de pessoas. Saber disso, tomar consciência disso e tirar as devidas consequências são temas que também atingem a espiritualidade cristã aqui defendida e a ela correspondem, porque são sinais de pessoas que vivem cristãmente com todas as consequências que isso implica⁴¹.

É exatamente desse olhar sincero que fala a espiritualidade cristã dialogal. Está nessa chamada abertura universal comportamental da mensagem. Como Jesus que teve trato com homens e mulheres de todas as classes, sem discriminação alguma, mesmo com os que eram malvistas pela sociedade. Demonstrou mesmo maior predileção pelos marginalizados, pelos pobres, pelos pecadores. E que no fundo agia assim na fidelidade à sua experiência de Deus.

A experiência religiosa dialogal e prática será tanto a base por trás de todo esse engajamento, como também o resultado daquele que buscar como cristão ter a identidade dessa espiritualidade do Cristo: uma verdadeira prática de olhar atento para os que sempre estiveram aquém do olhar de muitos; pois a percepção obtida é que o anúncio dessa espiritualidade traz um Deus que deseja dialogar com todos. Tão somente com olhos abertos ao próximo, numa fé prática que permita enxergar além das simples causalidades, se viverá o cuidado de Deus. Haverá esperança enquanto existir a chance do diálogo em prol da única paz que excede todo entendimento (Fp 4,7).

⁴¹ CASTILLO, 2018, p. 182-183.

Referências

- ARTERBURN, S; FELTON, J. *Mais Jesus menos religião*. São Paulo: Mundo Cristão, 2002.
- BALTHASAR, H. U. V. *El Evangelio como critério y norma de toda espiritualidade em la iglesias*, Concilium 9, p. 7-25, 1965.
- BAUMAN, Z. *Postmodernity and its discontents*. New York: New York University Press, 1997.
- BEENKENKAMP, W. *De sacra coena adversus Lanfrancum*, 37, ed. Den Haag, 1941.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.
- BINGEMER, M. C. L. *Secularização: novos desafios*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2016.
- _____. *Mais espiritualidade e menos religião: característica da nossa época? Revista brasileira de filosofia da religião (BRASÍLIA)*, v. 3, n. 1, p. 75-91, agosto de 2016.
- CASTILLO, J. M. *Espiritualidade para insatisfeitos*. São Paulo: Paulus, 2018.
- _____. *La fe en tiempos de crisis*. Barcelona: Claret, 2014.
- _____. *Ou é do povo, de todos igualmente, ou a Igreja não nos leva a Deus*. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/590552-ou-e-do-povo-de-todos-igualmente-ou-a-igreja-nao-nos-leva-a-deus-artigo-de-jose-maria-castillo> Acesso em 9 mai. 2021.
- COMTE-SPONVILLE, A. *O espírito do ateísmo: Introdução a uma espiritualidade sem Deus*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- DE CLERCQ, C. *De vita canônica*, 11 ed. CCM: Paris, 1966.
- ESTRADA, J. A. *La espiritualidad de los laicos*, Madrid: Cristiandad: 1992.
- FRANCISCO, PP. *Carta apostólica Misericordia et misera do Santo Padre Francisco*. No termo do jubileu extraordinário da misericórdia. Roma, 2016. Disponível em <http://www.im.va/content/gdm/pt/giubileo/letteraapostolica.html>. Acesso em 14 fev. 2021.
- FRANCISCO, PP. *Carta encíclica Fratelli Tutti do Santo Padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social*. Assis, 2020. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html. Acesso em 19 dez. 2020.
- _____. *Carta Encíclica Laudato si' do Santo Padre Francisco sobre o cuidado da Casa Comum*. Roma, 2015. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html. Acesso em 14 mar. 2021.
- _____. *Declaração conjunta do Papa Francisco e o grande Imam de Al-Azhar Ahmed Al-Tayyib*. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/586536-abu-dhabi-declaracao-conjunta-do-papa-francisco-e-o-grande-imam-de-al-azhar> Acesso em 12 jan. 2021.
- _____. *Discurso proferido na audiência geral da Semana de Oração pela unidade dos cristãos*. Disponível em <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2020-01/papa-audienca-geral-hospitalidade-ecumenica-ouvir-outros.html> Acesso em 17 jul. 2020.
- _____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium do Santo Padre Francisco ao Episcopado, ao Clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Roma, 2013. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em 04 abr. 2021.

- _____. *Santa missa na conclusão da XV Assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos*. Homilia do Papa Francisco. Vaticano, 2018. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2018/documents/papa-francesco_20181028_omelia-chiusura-sinodo.html Acesso em 02 jun. 2021.
- _____. *Viagem apostólica do Papa Francisco ao Marrocos*. Encontro com os migrantes. Discurso do Santo Padre. Março, 2019. Disponível em https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/march/documents/papa-francesco_20190330_migranti-marocco.html. Acesso em 14 set. 2020.
- GAMARRA, S. *Teología espiritual*. Madrid: BAC, 1994.
- GUTIÉRREZ, G. *Teología de la liberación*. Sígueme: Salamanca, 1990.
- LABANDE, E. R. *De vita sua*. Paris: AB, 1981.
- NENTWIG, R. *CARNALIDADE, ALTERIDADE E LIBERDADE: a humanização de Deus e as implicações antropológico-pastorais das cristologias de José María Castillo e Joseph Moingt*. Tese de Doutorado Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, 2017.
- NOLAN, A. *Jesus antes do Cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2003.
- RATZINGER, J. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta, 2007.
- SOLIGNAC, A. *Spiritualité*. Epist. VII, 9 PL 30, 118 C. In: *Dictionnaire de spiritualité*. Paris (XIV): Beauchesne, p. 1143.

Submetido em: 24/08/2023

Aprovado em: 17/11/2023